

A Architectura Portugueza





REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portuguezes

	ANNO III — N.º 9	SETEMBRO — 1910	
SUMMARIO			
<p>CASA DO SR. JOSÉ PEREIRA DA COSTA, NA AVENIDA D. AMELIA, PELO ARCHITECTO NORTE JUNIOR — L. M.</p> <p>CONFERENCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES.</p> <p>PROJECTO DA CASA DO SR. JOSÉ PEREIRA DA COSTA — ARCHITECTO NORTE JUNIOR.</p> <p>INTERCALARES XVII E XVIII DO PROJECTO.</p>			
	ASSIGNATURA PAGAMENTO ADIANTADO		
Trimestre	900	<i>Para os paizes da União Postal</i>	
Semestre	1800	Anno	4500
Anno	3000	Anuncios pela tabella, conforme o espaço.	
Avulso	400		

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PASCHOAL DE MELLO, 13 — LISBOA

Composto e impresso no
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL

Largo da Abegoaria, 27 e 28

1910

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construcção
e de architectura pratica

PORTUGUEZA

Director-proprietario: NUNES COLLARES

Secretario da redacção: MARIO COLLARES

Composto e impresso no Centro Typographico Colonial—Largo da Abegoaria, 27 e 28
Photographias de Achilles — Gravuras de Pires Marinho & C.ª

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PASCHOAL DE MELLO, 13 — LISBOA

Casa do sr. José Pereira da Costa

NA AVENIDA D. AMELIA

Architecto, NORTE JUNIOR

Mais um trabalho do distincto architecto Norte Junior se reproduz hoje n'esta revista, e do qual somos encarregados de dizer algo, o que não é tarefa facil, dado o pouco conhecimento que temos do assumpto.

No emtanto, faremos da fraqueza força e procuraremos, conscientemente, dizer o que se nos offerece sobre a elegante edificação, delineada por um dos architectos que, pela sua provada intelligencia e bom gosto artistico, mais tem contribuido para que a capital apresente bellos especimens de architectura moderna.

Em todas as epochas, nunca a arte teve expressão mais característica, mais intimamente ligada á vida do homem, do que a casa. Mas, é tambem na casa, que a arte dá logar ás apreciações mais divergentes, e é indispensavel, para evitar qualquer equívoco, subordinal-a ás leis immutaveis, que são a base necessaria de toda a critica e de todo o ensino.

Na opinião geral, a arte confunde-se com o luxo e interessa apenas a elite d'uma sociedade. Procuraremos provar que ella está ao alcance de todos, que deve manifestar-se em todas as obras e que se, no nosso tempo, estas manifestações são raras na habitação, isto resulta, principalmente, de lacunas da educação geral e de alguns erros de principios ou de definições.

O ensino das artes apoia-se na triplice auctoridade da philosophia, da historia e da sciencia.

O bello, apparece-nos na philosophia, como a manifestação de uma idéa necessaria, que eleva o homem ao sentimento de uma infinita perfeição e suggere-lhe o desejo de tornar visivel e duradoura esta perfeição ideal entrevista pelo pensamento.

A arte considerada como a expressão do bello só pôde manifestar-se revestida de fórmulas sensiveis, cujos elementos o artista determina com a plenitude da sua vontade e do seu genio. A arte não é, pois, abstracção, não é tampouco, um phenomeno isolado.

Creação do homem, ella está intimamente ligada ás idéias e ás necessidades da humanidade; obra da imaginação, ella não pôde existir sem o soccorro da materia, e parece ser como o proprio homem, a resultante de uma harmonia perfeita entre o espirito e a materia.

A historia fornece-nos os necessarios documentos para os estudos dos meios em que a arte nasceu e das circunstancias que favoreceram o seu desenvolvimento; ella faz-nos conhe-

cer as idéias philosophicas e religiosas, politicas e sociaes que determinaram, em cada epocha e em cada civilização, as manifestações successivas da arte; ella nos mostra as influencias reciprocas das diversas civilizações, distingue as tendencias particulares a cada uma d'ellas, investiga a formação das escolas artisticas, segue atravez de seculos as evoluções d'essas escolas e descobre-nos, uma a uma, todas as riquezas



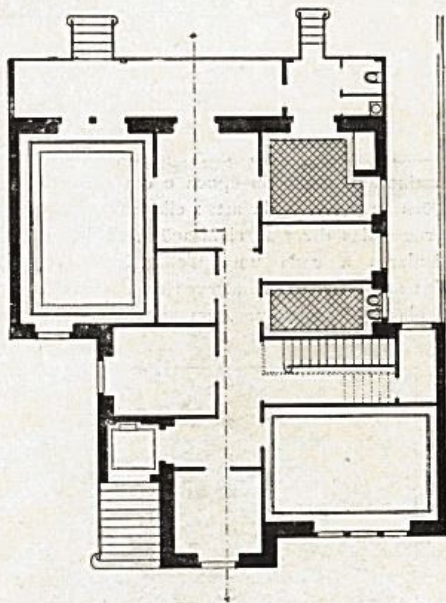
Detalhe do corpo central

da herança que nos transmite, ensinando-nos a não desprezar nenhuma parte d'essa herança.

Mas, a historia e a philosophia não podem bastar para a analyse das obras e a analyse é indispensavel a todo o en-

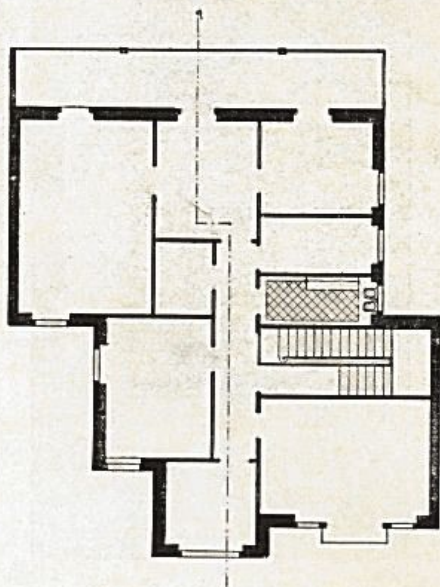
sino. E' a sciencia, a technica das artes, que nos dá os elementos. d'este ultimo estudo.

A verdade artistica, como a verdade scientifica funda-se em leis immutaveis, isto é, leis de estabilidade. de harmonia e de ponderação. Essas leis teem o seu principio na razão. E' a razão que faz a unidade da obra, attribuindo a cada uma das partes seu valor e sua funcção relativa no todo. E' a razão



Planta do rez do chão

que determina, segundo os processos de execução proprios á materia, a fôrma logica e as dimensões de cada cousa. E' ainda a razão que assignála á obra d'arte um destino conforme a ideia ou a necessidade de que ella deve ser a expressão viva.

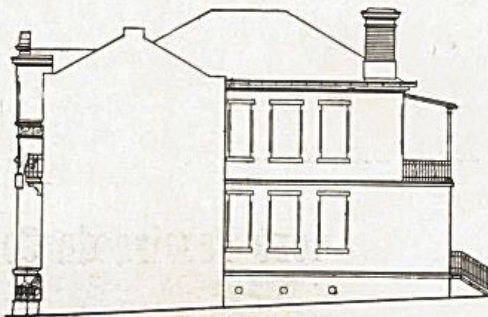


Planta do primeiro andar

Eis-nos longe d'essas theorias que não reconhecem regra para a arte que não seja a vontade ou o capricho do artista e reduzem o ensino ao conhecimento rapidamente adquirido

de fôrmas empiricas, estabelecidas fóra de toda a critica e de toda a razão.

A arte é, antes de tudo, humana, e o homem deve ser a sua regra de proporção. Foi a natureza submettida ao homem



Fachada lateral norte

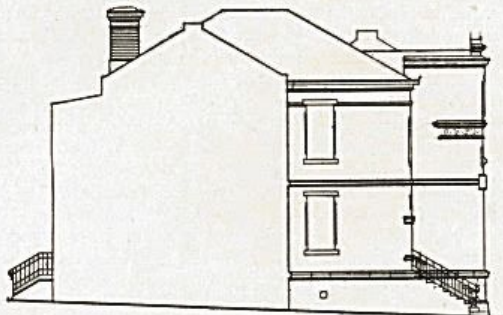
que lhe forneceu os primeiros elementos das artes pela manifestação expontanea do bello sob todas as suas fôrmas. Mas, a belleza da fôrma nada tem de arbitraria; se ella pro-



Detalhe da fachada principal

cede da imitação do homem, deve satisfazer ás leis da anatomia; se ella procede da imitação dos animaes ou dos vegetaes, deve ser a interpretação decorativa dos seus traços caracteristicos ou da sua estrutura.

Muito mais; cada uma das artes tem seus processos segundo o seu destino decorativo. Uma planta plana, chame-se ella pintura mural, vidraça ou tapeçeria, não pôde necessariamente admittir senão com reserva, o emprego da perspectiva, que destruiria a superfície a decorar. A perspectiva, ao contrario, é indispensavel ao quadro, cujo fim é dar a illusão



Fachada lateral, sul

de uma figura, de uma paisagem ou de uma scena, nos limites do campo da visão.

A escultura monumental está submettida ás leis de proporção que lhe assignalam um logar na obra da architectura: assim o baixo relevo, applicado á decoraçãõ de uma superfície admittie uma reduçãõ proporcional de todas as saliencias, mas conserva um modelado que define o fórma pelo seu contorno exterior. Ao contrario, a estatua, como o quadro, é uma obra completa por si mesma; a representaçãõ perfeita da fórma ideal concebida pelo artista.

Mas a propria fórma modifica-se com a materia. Na escultura, a elegancia ou o cheio da fórma está subordinada ao emprego do marmore ou da pedra, do bronze ou da madeira. O artista deve, pois, attender ás propriedades da materia mesmo do seu colorido.

Iremos mais longe e repellindo a denominaçãõ de *bello classico*, que não representa nada a nosso espirito, não hesi-



Fachada posterior

taremos em pretender que toda a obra que é a expressãõ perfeita de uma ideia ou de uma necessidade, que é executada com uma fórma decorativa bastante apropriada ao seu desini e que satisfaz ao emprego racional da materia, é uma obra de arte.

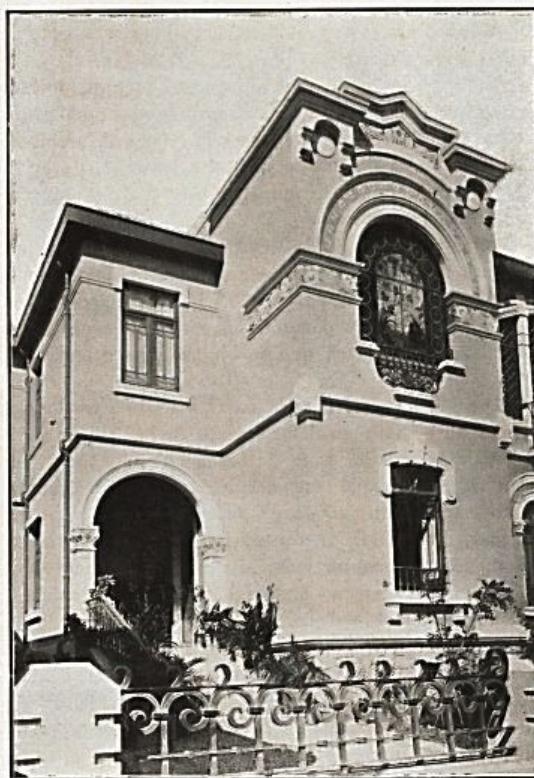
A arte assim definida comprehende todas as obras do genero humano e nenhuma d'ellas lhe deve ser estranha. Com effeito, como estabelecer um limite entre as bellas-artes e as artes industriaes? Dir-se-hia que as primeiras são a ex-

pressãõ de uma ideia e as segundas a de uma necessidade? Mas, toda a obra creada pelo homem e para o homem satisfaz necessariamente ás necessidades do mesmo homem.

Na architectura, com excepçãõ de alguns monumentos commemorativos, a obra é quasi sempre a expressãõ de uma ideia ou de uma necessidade. Se no templo christão ou pagão, o santuario é o symbolo da ideia religiosa, a sala que serve de abrigo aos fieis não exprime mais do que a necessidade do homem. E' a harmonia das proporções e a belleza da fórma que despertam em nós a ideia de perfeiçãõ inseparavel de toda a obra de arte, e esta ideia de perfeiçãõ basta para determinar o caracter artistico da obra a mais humilde.

Essas artes industriaes que parecem designar-se assim para distinguir das outras artes, fazem parte integrante da architectura, que é obra de arte por excellencia e cada uma d'ellas tem produzido obras primas que pôdem excitar a admiraçãõ como um quadro ou como uma estatua.

Nas grandes epocas artisticas que assignalaram o sublime esforço do genero humano, no Egypto, na Grecia, na França e na Italia, a arte está patente tanto nos vasos etruscos como



Detalle

nas cariatides do templo de Erechteo, e é precisamente um dos traços caracteristicos d'essas grandes epocas o estudo da fórma, simples, elegante e racional, até nos menores objectos creados para uso do homem.

A unidade da arte apparece então em todas as obras. A flora e a fauna affectam na ornamentaçãõ fórmas particulares e a figura humana participa tambem de uma interpretaçãõ propria ao genero de cada raça, Uma inspiraçãõ unica parece determinar os caracteres da figura, pintada ou esculpida, a decoraçãõ do movel ou do tecido, os ornatos da pedra ou do marmore, da terra cotta ou do vidro colorido, do ferro ou da madeira.

Essa admirável unidade resulta de um ensino geral da arte que nada deve deixar fóra de sua acção. Não basta, com effeito, conhecer as obras antigas; é preciso conhecer também as necessidades e as ideias que essas obras exprimam, estudá-las em cada civilização e compará-las com as nossas ideias e necessidades, para d'ahi deduzir as leis applicaveis á arte moderna.

A archeologia deveria ser regeitada do ensino, se não tivesse outro fim senão a emitação servil das obras passadas. Ao contrario, o estudo completo das civilizações antigas, dando ao artista a razão das obras que ellas nos legaram, garante-o contra o perigo da imitação.

Assim, o ensino, deve comprehender, de um lado, a exposição das leis fundamentaes proprias a cada uma das artes e immutaveis em todos os tempos; do outro lado, o conhecimento das ideias religiosas, moraes, ou politicas, das necessidades geraes ou particulares, ás quaes toda a obra d'este deve necessariamente satisfazer.

A propria mobilia não escapa ás leis da construcção que se impõe a todo o material em obra. Os bellos moveis são antes obras de carpintaria fina de que marcenaria, sem fórmas; devem ser simples as emendas, devem ser preferidas aos folheados e a decoraçáo só deve comportar a esculptura nos limites da construcção.

Essas leis, que são do dominio da architectura, impõem-se a todas as industrias da arte e nenhuma n'ellas póde produzir uma obra completa se se desprezar seguil-as. A architectura é a base necessaria do ensino de todas as artes, porque ella é o laço commum entre todos os esforços que concorram á execuçáo de uma obra.

Alongámo-nos demasiado n'esta divagação, mas o nosso fim foi procurar demonstrar que na casa moderna o artista que a delinea tem de attender não só á parte architectonica, como ás diversas partes decorativas, para que dêem um conjunto artistico, agradável, que se imponha ao primeiro golpe de vista.

Ora, na casa do sr. Pereira da Costa dá-se esse caso. O artista não foi só feliz no delineamento da habitaçáo; também o foi no detalhadado e na decoraçáo, dando ao conjunto um tom agradável, que encanta e que faz dizer instinctivamente ao transeunte: *Que bonita vivenda!*

É, mais bonito effeito produziria se o seu proprietario a tivesse mandado construir isolada, o que muito bem poderia ter feito, visto o terreno onde foi construida a casinha que lhe fica ao sul ter sido d'elle.

Seja, porém, como fór, a casa de que nos occupamos, é, sem contestaçáo, uma das mais interessantes da Lisboa moderna.

Não devemos terminar sem fallar do constructor d'esta vivenda, o sr. Fernando Soares, que além de constructor civil diplomado e muitissimo competente, é também auctor de alguns projectos que nada deixam a desejar.

É homem novo, muito intelligente e sympathico, e, estudioso como é, auguramos-lhes um brilhante futuro, porque está ali um verdadeiro artista.

L. M.

Tendo-nos o *Royal Institute of British Architects*, de Londres, encarregado da honrosa commissáo de mandarmos a todos os architectos e corporaçóes technicas, exemplares da *Town Planning Conference*, que terá logar de 10 a 15 de outubro, gostosamente assim o fizemos, dando em seguida os preliminares da sobredita conferencia.

CONFERENCIA SOBRE A CONSTRUCÇÃO DAS CIDADES

Sob o titulo de *Town planning conference* promove o Instituto Real dos Architectos Britannicos uma conferencia para discussáo dos principios a que deve subordinar-se a construcção das cidades e o seu ulterior desenvolvimento.

Comporta este problema mui interessantes assumptos a discutir. A questáo hygienica primeiramente, a dos transportes em commum, a de exposiçáo das fachadas dos predios, a dos principios architectonicos a que devem subordinar-se as construcções, a das perspectivas, dos passeios, dos jardins, dos parques, dos estabelecimentos publicos, das escolas, e algumas mais são motivos para fixar todo um programma digno não de uma conferencia, mas de muitas, em que devem colaborar além dos engenheiros e architectos, os medicos hygienistas, os financeiros, os delegados das administrações publicas, em summa todas as actividades que devem ter voto e voz na complexidade da vida social urbana. Os mercados, os matadouros, os depositos de generos alimenticios tem que sujeitar-se a principios que é indispensavel que sejam bem determinados. As applicações do frio, as desinfecções, os hospitaes, comportam series de problemas de hygiene, de construcção, e de organisação de subidissimo interesse.

Nada diz o programma que temos presente da conferencia sobre a construcção e desenvolvimento das cidades ácerca dos pontos que conta discutir e apenas se limita a referir que é em Londres, de 10 a 15 de outubro, que ha de realizar-se aquella reuniáo.

Como fundamento de esta deliberação apenas relata o seguinte: «a promulgaçáo do decreto de 1909 sobre a construcção e arranjo das cidades deu, com referencia ao seu desenvolvimento architectonico, importancia immediata. Consequentemente o Instituto real dos architectos britannicos tomou a deliberação de organizar uma conferencia para estudar as questóes que se referem ao embelezamento e extensáo das nossas cidades e que ha de principalmente occupar-se dos problemas da disposiçáo e da construcção estheticas que encerram».

Parece pouco, a quem isto escreve, o que fará objecto do congresso, mas dado o facto de que os fins da esthetica comprehendem o bem e o bello e que a architectura tem por obrigaçáo nunca perder de vista o fim para que se constroem os edificios, não é para admirar que dentro de limites que parecem restrictos, se quebre o molde e abranja tantos e tão variados assumptos que mal haja tempo para fixar sequer o enunciado dos problemas contidos nas palavras *cidade moderna*.

Como estudos que se annunciam apenas se conhecem por emquanto tres sobre as cidades do passado: o do professor Percy Gardner relativo ás do periodo grego, o do doutor Thomás Ashby allusivo a Roma e o do professor F. J. Haverfield sobre o Imperio Romano.

O professor sr. Baldwin Brown e os srs. Mulford Robinson e Lanchester falarão das cidades actuaes. Da ampliaçáo e extensáo occupar-se-hão os srs. Raymundo Unwin, Agostinho Rey, Riley e o professor doutor Rodolpho Eberstadf.

Sobre as cidades futuras falarão os srs. C. H. Reiley, da universidade de Liverpool, Eugenio Hénard auctor das *Transformações de Paris*, Daniel H. Burnham, de Chicago e L. Cope Cornford.

Ainda estão promettidas memorias especiaes sobre a lei de 1909 e os espaços livres pelo srs. Eustaquio Balfour, sobre o seu alcance civico pelos srs. professor Guddes e sir W. B. Richmond; sobre o projecto da organisação de Trafalgar Square do sr. H. H. Statham; sobre a capital federal australiana do sr. John Sulman; sobre parques e jardins publicos do sr. T. H. Mawson; sobre espaços livres, jardins e terrenos para jogos athleticos do sr. Basilio Holmes; sobre a construcção de Khar-toum e Omdurman do engenheiro sr. V. H. Me Lean; sobre o desenvolvimento das cidades relativamente aos bairros antigos e congestionados e principalmente sobre a cintura interna de Londres, do sr. Arthur Crow; sobre o desenvolvimento das sociedades e a propriedade urbana do sr. C. H. B. Quennell; sobre o accrescimento de fiscalisação legal no desenvolvimento das cidades inglesas o sr. Harold C. Dowdall *magister artium*, da universidade de Liverpool.

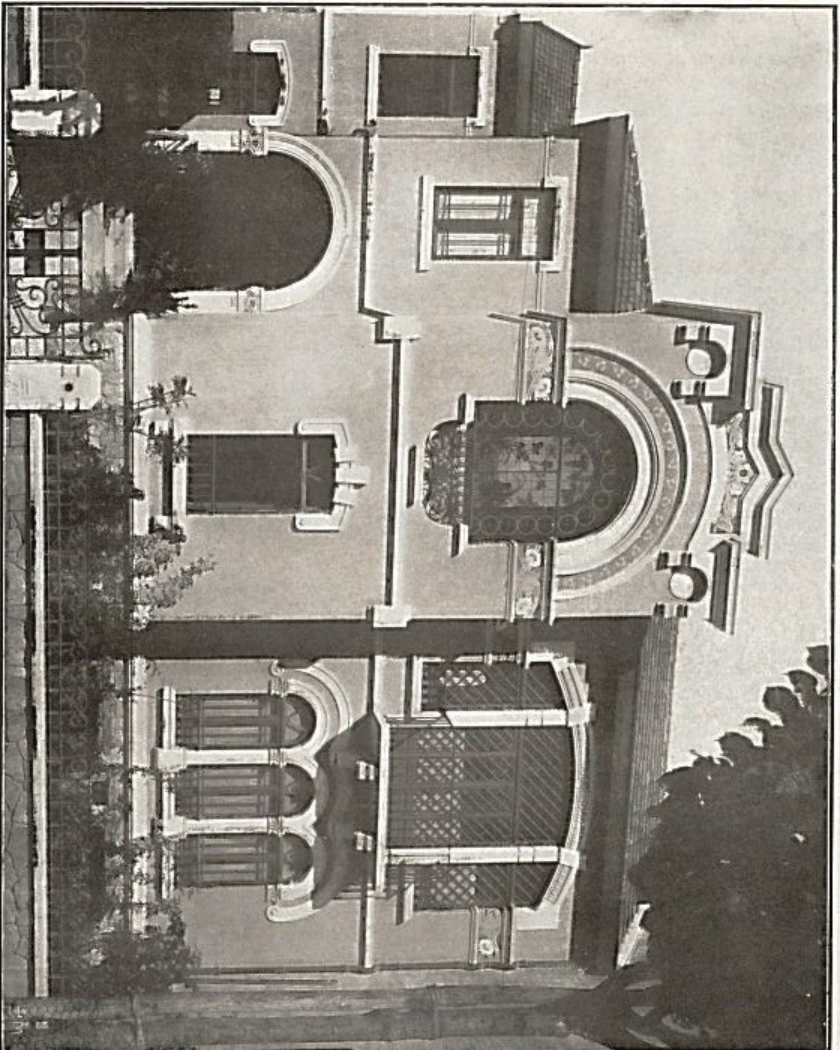
As memorias podem ser escriptas em allemão, francês, inglês e italiano, mas a lingua official da conferencia é o inglês.

A ARQUITECTURA PORTUGUEZA

CASA DO SR. JOSÉ PEREIRA DA COSTA

NA AVENIDA D. AMÉLIA

INTERCALAR XVII



FACHADA PRINCIPAL

ARQUITECTO: NORTE JUNIOR

CASA DO SR. JOSÉ PEREIRA DA COSTA

NA AVENIDA D. AMELIA



DETALHE DA FACHADA PRINCIPAL